Françoise Schein

Movimentos de vida

José Gil

Mesmo a torrente da favela que desaba pelo monte abaixo traça uma linha. As casas formam enxame. Mais do que ícones de lugares, estas imagens abrem movimentos. E, no entanto, os mapas proliferam, como se a geografia insistisse em fixar o que ameaça escapar. Mas é um malentendido: são falsos mapas, novelos de fios que vão de um lugar a outro, de um rosto a outro, do mar à cidade, num vai-vem incessante. De Lisboa ao Rio e do Rio a Lisboa, aonde se instalar? No próprio movimento.

Aonde mora Françoise Schein? Em que continente, país, cidade? Talvez na rede de velocidades que a levam de um sítio a outro sítio, de Paris à favela do Rio de Janeiro. Um lugar não é um território, gira constantemente, traçando linhas num espaço móvel. As casas deslocam-se nas favelas ("Histórias"), os quartos e varandas extraem-se das casas, e os fios que os ligam a elas desenrolam histórias cruéis de liberdade. Trajectos que saiem da terra e dos corpos, e voam como o homem na praia ("Le bond"). Nenhum miserabilismo, nenhum olhar sofrido nestas imagens de crianças pobres e de situações dramáticas ("Maternité difficile"). Os rostos das crianças abrem-se em riso e jogo, e criam um outro espaço, o espaço das linhas de vida ("Will to live"). Como a mulher com a cabeça habitada por um espaço de uma outra geografia fractal ("Je n'habite pas à New York").

Eis como Françoise Schein transforma os "Direitos Humanos" em movimentos de vida. Rostos que são de todos os homens porque não são de nenhum lugar em particular; casas que são necessariamente minhas porque nelas, na pobreza, no sujo, na violência, nascem linhas de errância e de expansão do homem, geografias intensas, imprevisíveis, que se deslocam pela força imanente e inquestionável do direito à vida, ao espaço, do direito aos direitos. Geografia móbil do mundo: são também meus rostos, meus trajectos. Universalidade de trânsito imparável da força de existir, não de princípios estáticos. Os direitos do homem tornam-se histórias de vida. Mesmo na exclusão mais evidente há uma linha de fuga ("Les rues des uns et des autres"). E esse movimento, tão forte em Françoise Schein, é terrivelmente político, ameaçador das instâncias dominantes, porque totalmente positivo, activo, nú e livre, na intensidade da alegria cósmica da vida.

José Gil est Philosophe et professeur à l'Université de Lisbonne
Janvier 2007

Françoise Schein pôs as favelas no mapa

Duas exposições, que misturam arte e vida, contam a história da paixão da artista pelo Rio de Janeiro

ALEXANDRA PRADO COELHO

Quando chegou ao Rio pela primeira vez, em 1999, Françoise Schein comprou um mapa da cidade. Havia a parte das casas, a rosa, e grandes zonas de natureza, a verde. Mas à medida que o carro avançava pela cidade, Françoise foi descobrindo que o mapa mentia: as zonas verdes estavam cobertas de favelas, onde viviam milhões de pessoas. "Havia milhões de pessoas que não estavam no mapa, que não existiam."

Todo o trabalho desta arquitecta e urbanista belga, a viver em Paris, tem a ver com a inscrição do humano no espaço. A inscrição, por exemplo, dos Direitos do Homem em estações de metro de cidades por todo mundo – incluindo a estação do Parque, em Lisboa (trabalho de 1994). E ali, no Brasil, encontrava pessoas reais que não estavam inscritas no mapa.

Foi no meio da geografia caótica dessas favelas que a artista descobriu a sua filha, a menina que iria adoptar. "Pouco a pouco, como tinha muito tempo livre enquanto esperava o processo de adopção, fui atraída por esta sociedade muito injusta", conta, num português fluído, de pronúncia brasileira. Apaixonou-se pelo Brasil e quis trabalhar com as pessoas das favelas. Começou pela do Vidigal, uma das mais antigas da cidade.

"Conheci pessoas, infiltrei-me", explica Françoise. "Falei-lhes dos meus projectos nas estações de metro na Europa. Perguntei-lhes 'acham que vivem numa verdadeira democracia?', 'quais são os vossos poderes para mudar as coisas?', 'o que pensam da liberdade, dos direitos do homem?'". Nasceram assim os projectos de painéis de azulejos, em colaboração com a arquitecta carioca Laura Taves.

As favelas encheram-se de azulejos azuis e verdes, e de letras, a poesia de Vinícius de Moraes, palavras como memória, imaginação, democracia, habitação, dignidade. E de mapas que inscreviam a "cidade informal" na realidade. E ainda de figuras humanas, como Ninho, o capoeirista do Vidigal, ou a Vovó, a Dona Irene, que é também avó da filha de Françoise.

A história da paixão de Françoise pelo Rio é contada na Galeria Ratton, em Lisboa. A história de como as favelas se encheram de azulejos coloridos e de como em 2003 nasceu a oficina de azulejaria, pela vontade de mulheres desses bairros que quiseram continuar a pintar azulejos, é contada no Instituto Franco-Português (juntamente com outros projectos da artista).

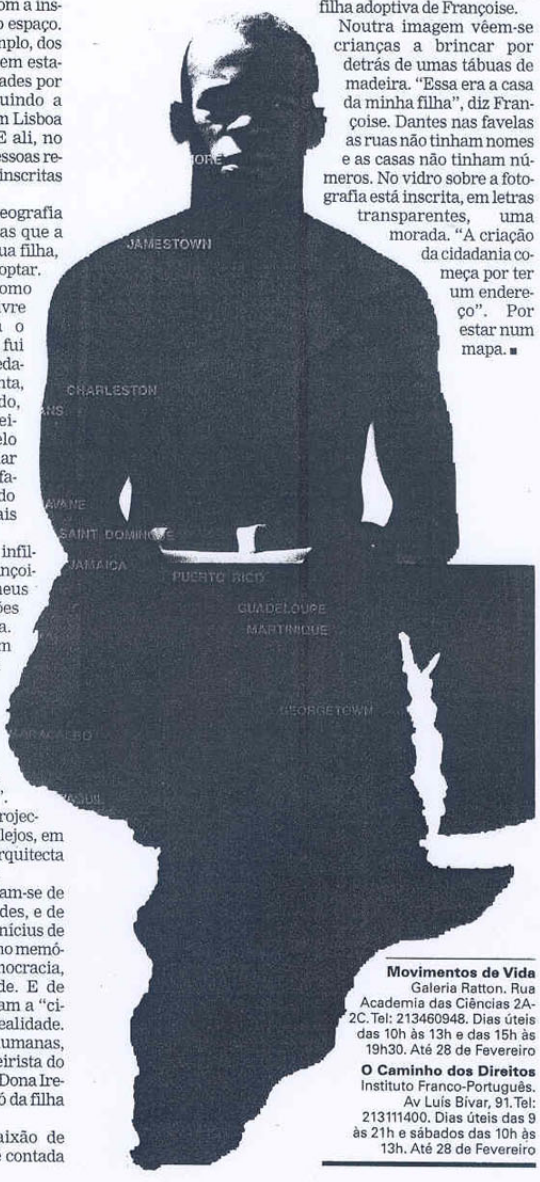
Dona Irene e Ninho

O trabalho exposto na Ratton conta, em imagens e palavras – escritas a branco sobre negro – a experiência de Françoise desde esse dia em que o seu avião aterrou no Rio e ela descobriu os mapas incompletos. "Cada uma das pessoas que apresento ficou um amigo ou tornou-se um membro da família, como Vovó", escreve a artista.

Dona Irene é pequenina, tem um vestido branco, a contrastar com a pele escura, sapatilhas brancas, e no seu retrato ficamos a conhecer o percurso que faz pelos passeios de Copacabana, onde vende rosas vermelhas e pastilha elástica – o mapa que ela traçou com os seus passos repetidos durante décadas.

Noutro quadro conhecemos Ninho (na foto), que vem de uma família de escravos, e cujo corpo se funde no mapa de uma África que ele não conhece. Há outros que não vemos, mas cuja história decifra-mos na letra de Françoise, como Spoke, que "dorme todos os dias na semana num cartão em Botafogo, guarda automóveis por um real, e no fim da semana volta à favela para entregar o pouco que lhe resta à mulher, Fernanda, que tem cinco filhos". Spoke é o pai da filha adoptiva de Françoise.

Noutra imagem vêem-se crianças a brincar por detrás de umas tábuas de madeira. "Essa era a casa da minha filha", diz Françoise. Dantes nas favelas as ruas não tinham nomes e as casas não tinham números. No vidro sobre a fotografia está inscrita, em letras transparentes, uma morada. "A criação da cidadania começa por ter um endereço". Por estar num mapa. ■



Movimentos de Vida
Galeria Ratton. Rua Academia das Ciências 2A-2C. Tel: 213460948. Dias úteis das 10h às 13h e das 15h às 19h30. Até 28 de Fevereiro

O Caminho dos Direitos
Instituto Franco-Português. Av Luís Bivar, 91. Tel: 213111400. Dias úteis das 9 às 21h e sábados das 10h às 13h. Até 28 de Fevereiro

Crítica Música

As canções de Desjardins

Christophe Desjardins, viola
Kaoli Isshiki, soprano
Florent Boffard, piano
Daniel Ciampolini, percussão
Olivier Long / Joachim Luxo, projecção vídeo
Lisboa, Grande Auditório da Fundação Gulbenkian
Sexta-feira, 19 Janeiro, 19h

DIANA FERREIRA

Na sexta-feira passada, a Fundação Gulbenkian apresentou o terceiro concerto do ciclo *Vanguardas – Novas vanguardas*, iniciado em Dezembro com dois elencos de topo (respectivamente, o Ensemble Recherche e o Remix Ensemble, ambos dirigidos por Emílio Pomàrico). Desta vez, em destaque esteve a viola e o seu intérprete francês, Christophe Desjardins, com um interessante programa a que deu o título de *Canções do Violetista*.

Quando conhecemos o trabalho dos protagonistas de um concerto a que vamos assistir, a nossa expectativa é proporcional ao nível a que esses músicos nos tenham habituado.

No caso de Desjardins, a fasquia era bastante elevada, o que diminuiu o entusiasmo na apreciação de um candidato a um dos melhores concertos do ano, que acabou por se revelar apenas bom.

O mais interessante acabou por ser precisamente a escolha do programa, um conjunto de obras que expõe diferentes papéis que a viola pode assumir em contextos diversos: a solo, com voz, com piano, com percussão e fita (fita que inclui voz), e com voz e piano, em linguagens e estilos diversos, que vão do romântico de Schumann à contemporaneidade de um Fedele, incluindo uma belíssima obra do inigualável Berio.

Precedido por uma breve sessão, em que o próprio violetista nos apresentou o programa que seguidamente interpretaria, o duo de viola e piano de Robert Schumann, *Märchenbilder*, op. 113, abriria o espaço musical em ambiente de recital 'clássico'. Depois, uma peça a solo de Gilbert Amy (1936) – *D'ombre et lumière* (2004) – conduziu-nos, mais próximo da contemporaneidade musical a que Desjardins nos tem habituado. Juntamente com a voz chegou-nos o elemento imagem, em *Paroles...* (2000), de Ivan Fedele (1953). Para um leigo em matéria plástica, as imagens podem até ter algum encanto, mas o ritmo do vídeo fazia pressupor uma coordenação com o discurso musical que, afinal, não se concretizou. Foi com a obra seguinte, *Rikalda* (1926), para soprano, viola e piano, de Janácek (1854 – 1928), que o vídeo pode ter conseguido melhor o efeito a que se propunha (o de sublinhar a interpretação que Desjardins faz das obras em questão). Algo tosco, mas divertido, o vídeo continha uma tradução para português (ainda que também ela tosca) dos textos das canções, com bonecos alusivos aos mesmos.

A encerrar o espectáculo, porque o melhor tende a ficar para o fim, Desjardins deixou-nos com a tocante *Naturale* (1985), de Berio (1925 – 2003), para viola, percussão e fita (que inclui a voz de um cantor de rua italiano), obra integrante do seu último disco, *Voix d'alto*, de 2005 (Aeon 0425).

Na generalidade, o concerto teria ganho com um pouco mais de cumplicidade entre os músicos (todos bastante bons) e, mais ainda, com a diminuição dos prolongados tempos de espera entre as obras.

EM RESUMO

Cumplicidade
O concerto teria ganho com um pouco mais de cumplicidade entre os músicos, todos bastante bons

AML ESTUARIUM
ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA
EDIÇÃO DA GRANDE ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA | TRIMESTRAL | NÚMERO 9 | 2005

"Quem eu era sem saber..."

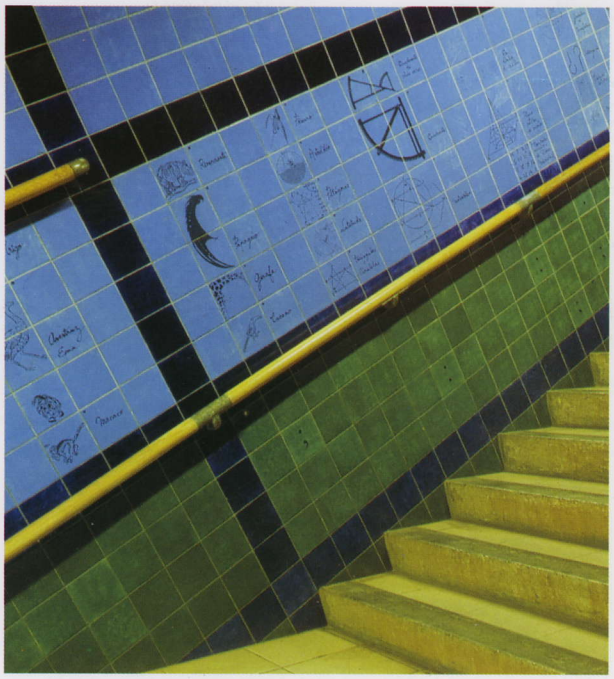
Arqª. Françoise Schein *

A estação do Metropolitano do "Parque" foi inaugurada em 1994 após dois anos de intenso trabalho, um de concepção artística e outro consagrado à pintura dos azulejos, realizada em simultâneo com a demolição e a reconstrução da antiga estação, que datava dos anos trinta.

Foi uma obra gigantesca e uma experiência extraordinária, já que cada interveniente desempenhou um papel essencial e todos trabalharam em sintonia uns com os outros: desde a fábrica Viúva Lamego, que produziu 450 000 azulejos totalmente pintados à mão (por artesãos e por mim própria), e a empresa a quem foi confiado o estaleiro, aos mais simples operários, passando pelos engenheiros, historiadores e filósofos que inseriram o projecto na exactidão de uma realidade histórica, sem esquecer o lugar de destaque do cliente que foi o Metropolitano de Lisboa - que, na altura, me tinha confiado o conjunto da realização desta obra. Foi para mim uma oportunidade inesquecível, mas igualmente um desafio ímpar.

Quis imprimir a Lisboa um sentimento que experimentei logo no meu primeiro dia na capital: em frente do Tejo, o mundo era infinito mas acessível, o olhar era absorvido pela força da luz, pela força das multiplicidades de gente que se reflectiam no estuário, ali, nos confins da terra e do mar onde o rio se lança no oceano e de onde homens partiram à procura de outros mundos. Eu, que nasci na Bélgica, que nunca tinha vivido em Lisboa e que conhecia bem pouco da sua história, senti dentro de mim aquele sentimento avassalador que está inscrito na terra e na geografia de Portugal, ali, em frente do Tejo.

Na altura, e durante os dois anos de construção da estação do "Parque", não sabia ainda que Portugal iria mudar radicalmente



a minha vida. Mas o caminho já estava traçado e, enquanto as cartas iam sendo lançadas, abriam-se para mim novos horizontes na criação de obras, que se instalavam umas a seguir às outras na enorme abóbada da estação. E à medida que esta estranha catedral se erguia, também eu me ia sentindo cada vez mais portuguesa...

Mais tarde, quando terminou a construção da estação, em Dezembro de 1994, eu própria decidi continuar a viagem. Durante a criação da estação do "Parque" fui assolada por um sentimento inabalável da minha pertença à cultura lusófona. Parti para o Brasil em busca de uma vida, com a profunda convicção de que há muito ela aí me aguardava. E foi no termo de um longo périplo pelas entranhas do Rio de Janeiro, sob o Corcovado, num orfanato da Alta Boa Vista, que encontrei uma criança índia que me disse, estendendo a mão na minha direcção: "Você é minha Mãe da sorte que sempre esperei!" A criança tinha sete anos. Hoje tem doze. Adoptei-a, bem como toda a sua família da favela de São Bento, em Duque de Caxias.

Hoje ela vive comigo e desde esse dia falamos sempre português entre nós. Ainda agora agradeço ao Metropolitano de Lisboa por me ter permitido tornar-me naquilo que era sem o saber...

* Arquitecta, artista e autora da estação "Parque" de Lisboa
www.inscrire.org
www.francoisschein.com

IV / N.º 632
17 de Janeiro
5
0
ncluído)
enário

or
arlos
concelos

JL JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS

94/95

OS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES NA ESTAÇÃO DO PARQUE

Direitos do homem no metro do Parque

Descobrir: O tempo, o espaço, o verbo. Foi com base nesta ideia, de descoberta, que se concebeu a nova estação Parque do Metro, reaberta no dia 28 de Dezembro. Lisboa torna-se assim a quarta cidade a fazer parte de um projecto artístico intitulado «Inscrever os Direitos do Homem», da arquitecta Françoise Schein.

Paris (estação de metro Concorde, 1989/90), Bruxelas (St. Gilles, 1992/93) e Haifa (fachada do Centro Cultural Judeu-Árabe, 1994) foram as três primeiras cidades a entrar nesta rede que se pretende internacional.

A convite do Metropolitano de Lisboa, Françoise Schein e a artista chilena Federica Matta conceberam um espaço que homenageia o acto de descobrir, onde Direitos Humanos e Descobrimentos portugueses se interligam.

Concebida como «uma aventura do espírito», a estação Parque é antes de mais um sonho azul, composto por 180 mil azulejos que revestem as paredes da estação (o «Jardim Atlântico»), e as salas que a antecedem. Aqui fica o itinerário: do «Espaço do Universo», onde imagens cosmológicas, estrelas e cometas dialogam com pequenas frases filosóficas, passa-se à «Sala do Tempo» dedicada à música e onde se lê o seguinte pensamento platónico: «Pela música começou a indisciplina.» Montados nas escadas rolantes como em monstros marinhos, chegamos à «Sala do Espaço». Finalmente entramos no «Jardim Atlântico», espaço cartográfico por excelência, onde descobrimos mapas, excertos de diários de bordo, listas de especiarias, e outras imagens dos Descobrimentos portugueses. Inscritos em milhares de azulejos azuis, no tecto da estação estão os direitos humanos fundamentais. Cada azulejo tem uma letra. A leitura não é fácil. Mas lá estão, a «dignidade da pessoa humana», «o direito de opinião e de expressão», etc.

FRANÇOISE SCHEIN

«Não evoluo, viajo. Não viajo, sonho» — diz Françoise Schein ao «JL», fazendo seu um dos pensamentos pessoanos. A fazer jus a este lema, já sonha com o seu novo projecto, «Café Cartográfico», a construir este ano, à entrada da estação Parque. «Será um novo lugar mágico, um edifício-escultura que integrará três funções complementares: urbana, funcional e cultural» — promete Françoise.

S. N.

VOGUE 1995

LES BLEUS DE LA FRONTIÈRE

Des carreaux, et encore des carreaux, des capitales et des principes affichés haut, à l'échelle qui leur sied. Patiemment, avec l'obstination que réclament distance et durée, Françoise Schein construit son propre réseau métropolitain, une œuvre qui célèbre la citoyenneté. Elle inscrit dans la trivialité des stations de métro la *Déclaration des Droits de l'Homme*. Les intervalles entre les mots sont subtilisés et ainsi, lisible-illisible, le texte omniprésent devient rébus, vulgate et mémento, jeu de cryptographe, épigramme ou au contraire éperon du vœu démocratique, frise d'*azulejos* exprimant l'équivoque contemporaine : une pluralité de significances saisies dans une égalité et une réversibilité qui tantôt les évident, tantôt les enrichissent. On connaît le travail de Françoise Schein à la station Concorde à Paris. Elle vient d'inaugurer une autre installation du même type à la station Parque du métro de Lisbonne. Ici, la *Déclaration des Droits de l'Homme et du Citoyen* apparaît en bleu et en surplomb sur le toit, comme une enveloppe protectrice. Sur les côtés, on peut lire des aphorismes de Pessoa ou de Nietzsche. Et toujours à hauteur d'homme, on retrouve, présentée par des symboles, la geste des découvertes portugaises, avec son avers et ses revers, sa frontière planétaire, son archipel d'Empire, ses parcours prodigieux, sa face inquisitoriale, ses galères de négriers. Pour ce projet, Françoise a invité l'artiste Federica Matta qui a dessiné les illustrations et sculpté des tarasques et des chimères au-dessus des *azulejos*. Bleue est la Frontière, le jardin – subtil entre tous – du marquis da Fronteira, avec des teintes qui évoquent Klein et d'autres vernissées et changeantes avec le jour, la porcelaine de Chine et l'utopie baroque. C'est que, mieux qu'ailleurs, les *azulejos* ont des reflets liquides et des séquences peintes qui servent la fantaisie et les mythologies des jardins. On y voit des chevaliers surpris en plein élan comme les rois de Velázquez, des allégories constellées, des écorchés, des angelots très peu mièvres. Il n'est pas rare non plus de croiser des priapées, des scènes mutines ou burlesques, et les glossateurs sérieux n'ont pu que s'égarer à suivre toutes les allusions privées entourant le bestiaire : sous les ramées, des lapins se frottent les mains, des chouettes-philosophes opinent du chef et des chats au regard myope apprennent la musique. Il y a aussi des singes, des singes intarissables ou médusés, et des tritons. On ne s'y divertit pas toujours. Ce lieu merveilleux a inspiré à Pascal Quignard un livre. Une histoire vénéneuse de rivalité et de traîtrise qui, teintée de bizarre, met aux prises un chevalier français intrépide, un spectre et une dame portugaise. Et les tatouages, les castrations et autres blessures, le miroir saturnien, le sexe enfin, que découvrent les échanges sybillins des personnages comme arrêtés dans leurs poses, inquiètent à jamais le secret de la Frontière.

L'artiste Françoise Schein a toujours aimé les cartes et les carreaux de faïence. Elle était vouée au Portugal et aux *azulejos* : elle vient d'en décliner toute une gamme bleue dans le métro de Lisbonne à la station Parque (ci-dessus). Elle y a illustré la saga des navigateurs portugais. En haut, ce sont, inscrites dans la céramique, les très riches heures du palais Fronteira.

"Les bleus de la Frontière", Vogue,Spécial Portugal, texte de Nadia Tazi, Mars 95, Paris,France

Diário de Notícias

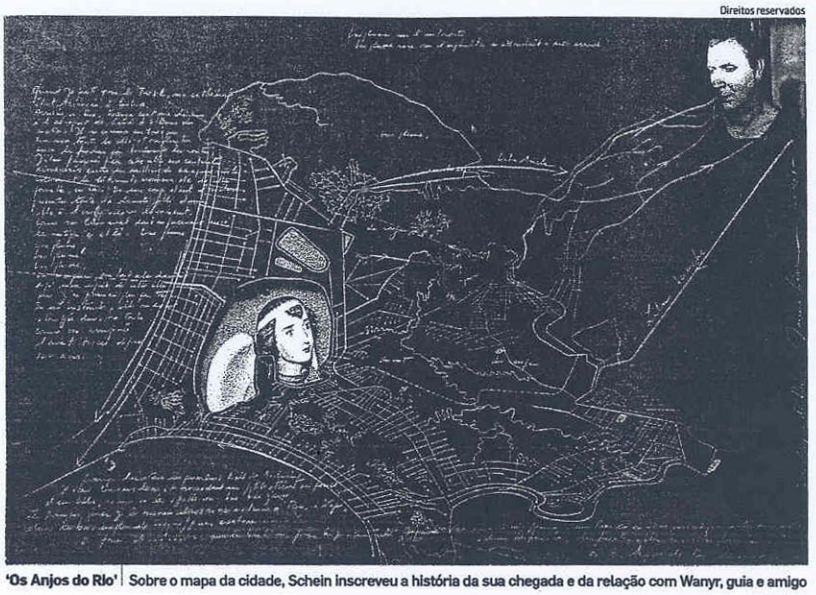
| 44 | ARTES | SÁBADO | 13.JANEIRO.2007 |

ARTES PLÁSTICAS

Uma visão fractal das favelas do Rio

Ⓣ José Mário Silva

Direitos reservados



'Os Anjos do Rio' | Sobre o mapa da cidade, Schein inscreveu a história da sua chegada e da relação com Wanyr, guia e amigo

Dona Irene tem 75 anos. É baixinha, de cor escura, rosto de índia e um olhar "ao mesmo tempo duro, recto e doce". Analfabeta, ainda vende rosas vermelhas e pastilha elástica em Copacabana, ocupação de toda uma vida. Na fotografia, de corpo inteiro, vemo-la de fato branco (sapatos da mesma cor), mãos ao longo do corpo testemunhando o embaraço da pose. Logo por baixo, o mapa das praias que ela calcorreia diariamente, com linhas negras a marcar o itinerário dos seus passos.

A obra, uma criação híbrida de Françoise Schein, intitula-se *Vovó* e pode ser vista na Galeria Ratton, até 18 de Fevereiro, numa das três exposições que a artista belga apresenta neste momento em Lisboa – as outras duas, documentais, estão montadas no Instituto Franco-Português *(ver caixa)*. E porquê *Vovó*? "Porque Dona Irene é mãe da mãe da minha filha adoptiva."

Um dos aspectos mais curiosos do trabalho de Schein tem justamente a ver com o modo como a vida privada intervém nos seus processos de criação – tanto ou mais do que as concepções estéticas, filosóficas ou políticas. O "namoro" com o Brasil começou em 1999, quando a artista chegou ao Rio de Janeiro com o objectivo de adoptar uma criança. "Encontrei-a em Duque de Caxias e acabei por ficar ligada ao resto da família." Além de Dona Irene, há outros elementos da "tribo" que aparecem, de forma mais ou menos explícita, nas imagens e histórias que Schein captou entre o morro, onde os meninos tomam banho em baldes de plástico, e a cidade "oficial".

Essa fronteira que separa o bem-estar da miséria é particularmente nítida em *Les rues des uns, les rues des autres*, engenhosa colagem que cria a ilusão de que a favela (simbolizada por um rapazinho descalço) invade de forma literal os bairros modernos e asfaltados, com automóveis saindo de túneis – em cujas trevas Schein escreveu a primeira frase da Declaração dos Direitos do Homem. "Foi nesses túneis que um dia descobri a Fernanda, mãe da minha filha, a pedir." Já Spoke, o pai, aparece em *Estórias*, descrito como alguém que "dorme todos os dias da semana num cartão em Botafogo, onde guarda automóveis por um real", regressando só no fim da semana à favela, para entregar à mulher o que juntou.

Na origem de tudo esteve outra figura fascinante: Wanyr, um *carnavaleiro* de vida dupla (católico devoto e *gay*), que Françoise conheceu em Lisboa, "na Sé, a cantar música gregoriana, como se fosse um anjo". Foi Wanyr, de quem se tornou amiga, quem lhe apresentou o Rio, experiência registada em fragmentos de diário que preenchem – como se escritos com giz sobre ardósia – as superfícies negras de *Os Anjos do Rio*, *O Sonho* ou *Da Minha Janela*.

"Todas as minhas obras cruzam a ideia de mapa, essa forma de organizar o mundo, com a realidade concreta das coisas", diz Schein

"Todos os meus trabalhos são cruzamentos entre a ideia de mapa, essa forma abstracta de organizar o mundo, e a realidade concreta das coisas", diz Schein, arquitecta e urbanista de formação. No caso do Rio, em que os mapas enganam (ao inscrever zonas verdes, florestas e parques nos lugares onde de facto se acumulam as favelas, como se estas não existissem), a estratégia foi clara: ver a cidade como se ela fosse um fractal. "É preciso passar da vista aérea para a rua; depois, da rua para a casa; depois, da casa para a janela; depois, da janela para cada uma das pessoas. Se fizermos isto, acabamos por entrar dentro da cabeça dessas pessoas, onde estão as suas histórias e a memória das suas vidas."

Após ter espalhado o texto integral da Declaração dos Direitos do Homem por diversas estações de metro europeias (a da Concorde, em Paris e a do Parque, em Lisboa; além de Bruxelas, Estocolmo, Berlim), Schein continua a procurar uma síntese entre a expressão estética e a intervenção social, em obras complexas que remetem, desde o início do seu percurso, para a proliferação em forma de "rizoma" – teorizada por Deleuze e Guattari. "Isto está tudo ligado e a minha obra procura esses nós, essas ligações que para muitos são invisíveis", resume a artista. ▮

Exposições paralelas

Até 28 de Fevereiro, o Instituto Franco-Português acolhe duas mostras com a marca de Françoise Schein: "O Caminho dos Direitos Humanos" e "Inscrever a Europa nos muros das cidades". A primeira reúne trabalhos de azulejaria, feitos por mulheres desfavorecidas das favelas do Rio de Janeiro, no âmbito de um projecto de inclusão social criado por Schein e continuado pela arquitecta Laura Taves, com a ONG Enda Brasil. A segunda reflecte uma iniciativa da Associação Inscrire (de que Schein foi fundadora) com o Centro de Informação Europeia Jacques Delors de Lisboa. Em 18 cidades europeias (12 portuguesas, três espanholas e três francesas), grupos de alunos criaram obras de arte pública – a partir dos 50 artigos da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia – que depois ofereceram às respectivas comunidades.